

Alternativas de ensino em épocas de crise

Prof Dr^a Camila Nunes de Moraes Ribeiro

Biomédica, Mestre e Doutora em Patologia pela FMRP-USP

Temos visto nos últimos dias uma situação, pelo menos aqui no Brasil, sem precedentes. Estamos enfrentando um vírus de alta transmissibilidade, que tem levado a quadros graves e até óbitos de pacientes. Somado o quadro à atual questão financeira do país, com muitos trabalhadores laborando na informalidade, e com o isolamento necessário para que não haja aumento no contágio, nos deparamos com vários problemas, sendo que talvez o principal seja a questão da subsistência destes trabalhadores.

Entretanto, este não é o foco da discussão deste documento. Sou Biomédica, fui coordenadora de curso até poucos dias atrás, na modalidade presencial durante 12 anos, e EAD durante cerca de dois anos e meio, e docente em imunologia e patologia durante 14 anos, além de imunologia clínica, parasitologia clínica e supervisão de estágios. Mas também não estou aqui pra falar do meu currículo.

No início desta semana, as instituições de ensino sabiamente acabaram por suspender as aulas, mas como somos seres humanos, nos preocupamos com calendário, avaliações, e como poderíamos entregar com qualidade o que fazemos em sala. Isto também se aplica na modalidade EAD, pois o curso que coordenava, juntamente com uma coordenadora adjunta, teria seus momentos presenciais, o que é essencial em cursos da área de saúde. Alunos preocupados com a qualidade das aulas, se iam conseguir aproveitar como aproveitam no dia a dia das disciplinas.

Neste sentido, após discussões, levantamos que poderíamos aproveitar a nossa experiência em cursos EAD, modalidade semipresencial, ou híbrida, como melhor entenderem. Como um adendo, a vivência nesta nova modalidade nos mostrou que ainda temos muitas barreiras a derrubar, sendo a principal, o preconceito sobre ela. Não posso dizer que eu também não tinha desconfianças sobre a modalidade, mas com o passar do tempo e com as experiências, vimos que é possível sim fazer um ensino de qualidade. Fomos praticamente pioneiros em executar a Biomedicina semipresencial, mudamos matrizes, nos reinventamos, sempre com o apoio da instituição, o que foi essencial para o sucesso que o curso tem hoje.

Digo isso, pois a maioria pensa que a modalidade tem pouco custo de implantação, o que está longe de ser verídico. Materiais para serem produzidos são extremamente caros, pois precisamos contratar autores, revisores, editores, e o material deve ser constantemente revisado, para que se gerem os ebooks com qualidade, que sejam de fácil entendimento e ilustrados. Lembrem que no caso que relato, é um curso da área de saúde, e não pode haver falhas no processo (em nenhum caso pode), o aluno tem que ter acesso a material de qualidade. Os momentos presenciais são de extrema importância, e dão frutos, desde que o aluno tenha ciência que deve estar preparado para a aula, deve ter estudado com antecedência, senão toda a estratégia de aprendizagem vai por água abaixo. Mas não só os ebooks, são vídeos que devem ser gravados, e principalmente professores presenciais que entendam da modalidade, que sejam versáteis e dominem salas extremamente heterogêneas.

Longe de mim neste relato querer ditar regras, apenas coloco minha experiência no assunto. Ao meu entendimento, o que sempre discuto com meus alunos da modalidade presencial, é que para melhor aprendizagem (aprendi isso nos módulos de docência e pedagogia do meu doutorado, que foi feito em Patologia Médica na FMRP-UP), o professor deve utilizar de várias estratégias, pois nem todos aprendem no mesmo tempo e na mesma forma. Minha estratégia é utilizar de recursos visuais (quadro, powerpoint), fazendo os alunos verem, escreverem (ainda uso metodologias tradicionais na maioria das vezes), explicação que contextualize com a vida deles, com exemplos técnicos e não técnicos, fazendo com eles concatenem as ideias, sempre usando de bom humor para que não fique tedioso este tempo em sala e permito que as aulas sejam gravadas (o áudio) para que aquele aluno que tenha mais facilidade de aprender escutando, também tenha acesso a isto quando lhe for mais oportuno. Nestes mais de dez anos, tenho tido feedbacks excelentes destas estratégias, os alunos gostam muito e elogiam, além de percebermos resultados excelentes em avaliações, e na interdisciplinaridade indispensável na formação do nosso egresso.

Onde quero chegar com isso? Na pandemia do Corona. Tivemos que tomar decisões rápidas, efetivas e que não prejudicassem nossos alunos. Após debate com minha antiga equipe, chegamos à conclusão de que deveríamos unir as experiências positivas de ambas as modalidades. Nos debates com meus gestores, sempre coloquei que quanto mais o EAD se aproximasse do presencial, melhores seriam os resultados. Efetivamente deu certo! Por quê? Porque nosso modelo presencial tem muito sucesso, apesar de que muitos digam que este está fadado ao fim, eu não acredito. Temos público para todas as modalidades, e deixar qualquer uma delas morrer, é irresponsável.

Neste contexto, como não podemos ter aulas presenciais, em qualquer uma das modalidades, propusemos gravação de vídeos, mas sem custo alto, sem estúdio, com roteiro, mas que desse liberdade ao professor para ser criativo. Usamos programas para captura de tela, outros preferiram gravar sua aula de formas diferentes, e assim respeitamos a individualidade. Lembrem que é momento de crise, não tínhamos tempo de padronizar e realizar grandes produções, e nem era nossa intenção. Abrimos os chats da plataforma (AVA), para que os alunos tirassem suas dúvidas, se sentindo mais acolhidos. Colocamos leituras obrigatórias, presentes em livros de nossa biblioteca digital, e ainda propusemos a realização de atividades, para que realmente o aluno assistisse o vídeo, e tirasse suas dúvidas. Estamos reinventando a roda? Não! Mas para a modalidade presencial, em disciplinas presenciais, isto soou diferente. Muitos professores se apavoraram, pois nunca tinham gravado vídeos, não sabiam transformar sua apresentação para o famoso MP4. Mas todos aprendemos com isso. Minhas aulas ficaram super legais, coloquei vídeos em cima da apresentação, como já havia feito para o semipresencial. Uma aluna até me disse que aprecia o Discovery Chanel, na época achei muito divertida a colocação. As aulas que recebi dos professores também ficaram excelentes, e cada um tinha sua marca, é o que eu achei mais legal! Não ficou engessado, cada um com seu estilo. Exatamente como acontece dentro de sala, a famosa caixa preta. Mas isso é assunto pra outro relato.

Assim, como sempre colocamos na equipe, se aproximarmos as modalidades, respeitando suas diferenças, pois são produtos diferentes, o sucesso é garantido. Como ficam as aulas práticas? Estas podem ser gravadas para que diminua o nível de ansiedade discente, para que os alunos estudem o componente teórico delas, e obviamente serão retomadas presencialmente, com a mão na massa, seja nas próximas aulas, como em atividades de extensão. Na minha opinião a receita é simples: sempre bons professores, versáteis; vídeo-aulas com tempo suficiente para que o conteúdo seja explicado com exemplos e detalhes (não existe tempo máximo e mínimo),

que tenham o estilo do professor; leituras obrigatórias diversificadas, com graus diferentes de dificuldade; atividades que realmente desafiem o aluno, que o façam pensar fora da caixa, que sejam interdisciplinares, que os façam pesquisar. E coordenação acessível e assertiva que acolha de forma positiva os alunos e professores, pois se no dia a dia já temos situações complicadas, imaginem quando se sai da rotina?

Professora Dr^a Camila Nunes de Moraes Ribeiro

Docente em imunologia, patologia e parasitologia, foi coordenadora de Biomedicina da Uniamérica (2006-2009), Universidade Tuiuti do Paraná (2009-2017) e Universidade Positivo (2017-2020).